

A cultura digital como espaço de possibilidade para a formação de sujeitos

Andrea Brandão Lapa

Pós-Doutorado pela Universitat de Barcelona (UB) - Espanha. Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3255219419102864>

E-mail: andrea.lapa@ufsc.br

Andreson Lopes Lacerda

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil. Mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Brasil. Formador de Tutores e Professores. Supervisor de Ambiente Virtual de Aprendizagem da Fundação de Amparo a Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5491642669486707>

E-mail: andrelopescg@gmail.com

Isabel Colucci Coelho

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Brasil. Professora substituta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/7169696472409178>

E-mail: isabelcolucci@gmail.com

Submetido em: 09/01/2018. Aprovado em: 31/01/2018. Publicado em: 04/04/2018.

RESUMO

Na problemática da integração de tecnologias da informação e comunicação (TICs) é preciso fugir ao dualismo das respostas comuns: de um lado a apologia à técnica como salvadora e protagonista da inovação, de outro a resistência inócua dada a inevitabilidade da vida cotidiana afetada pela comunicação em redes digitais. A aposta está na via alternativa que defende a apropriação crítica e criativa das tecnologias. Nesse contexto, ganha relevância a formação de sujeitos, aqueles capazes de subjetivar sua vivência encontrando outros sentidos humanos e sociais para o uso de TICs, que são autores, produtores e cidadãos na/cultura digital. Com vistas a identificar novos espaços de possibilidade para a formação de sujeitos nas redes sociais, foi realizada uma pesquisa que integrou tanto a pesquisa-ação nas escolas quanto a observação do ciberativismo. O objetivo foi de reconhecer fatores e circunstâncias promotores da formação crítica, a fim de apontar orientações para a apropriação de TICs em processos educativos na perspectiva da emancipação social. Como resultado, são apontadas referências para o fomento de fatores e circunstâncias como: pluralidade, agir comunicativo, diálogo tradutor, confiança, colaboração, autonomia, cooperação e postura de aprendiz permanente. Na análise do processo, foram identificadas contribuições para a reflexão no campo da educação, particularmente na importância de uma formação para a apropriação crítica e criativa de TICs como perspectiva emancipadora de formação de sujeitos para a cidadania na cultura digital.

Palavras-chave: Integração de tecnologias. Tecnologias da informação e comunicação. Empoderamento. Cultura digital. Formação para a cidadania.

Digital culture as a space of possibility for citizen formation

ABSTRACT

When addressing the integration of information and communication technologies (ICT) it is necessary to avoid the dualism of common places: on one hand the apology to technique as savior and protagonist of innovation, on the other, innocuous resistance given the inevitability of everyday life affected by communication in digital networks. The bet is on the alternative route that advocates the critical and creative appropriation of technologies. In this context, is gaining relevance the formation of citizens, those capable of subjectivizing their experience and of finding other human and social meanings for the use of ICT, which are authors, producers and citizens in the digital culture. In order to identify new spaces of possibility for the formation of citizens in social networks, a research was carried out integrating both action research in schools and the observation of cyber-activism. The goal was to recognize factors and circumstances that promote the critical formation, to point out guidelines for the appropriation of ICT in educational processes in the perspective of social emancipation. As a result, references are cited for the promotion of factors and circumstances such as: plurality, communicative action, translator dialogue, trust, collaboration, autonomy, cooperation and permanent learner posture. In the analysis of the process, contributions were identified for reflection in the field of education, particularly in the importance of a formation for the critical and creative appropriation of ICT as an emancipating perspective of educating subjects for citizenship in digital culture.

Keywords: *Integration of technologies. Information and communication technologies. Empowerment. Digital culture. Citizenship education.*

Cultura digital como espacio de posibilidad para la formación de sujetos

RESUMEN

En la problemática de la integración de las Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) es necesario huir al dualismo de las respuestas comunes: por un lado la apología a la técnica como salvadora y protagonista de la innovación, de otro la resistencia inocua dada la inevitabilidad de la vida cotidiana afectada por la comunicación en redes digitales. La apuesta está en la vía alternativa que defiende la apropiación crítica y creativa de las tecnologías. En ese contexto, gana relevancia la formación de sujetos, capaces de subjetivizar su vivencia encontrando otros sentidos humanos y sociales para el uso de TIC, que son autores, productores y ciudadanos en la cultura digital. Con la intención de identificar nuevos espacios de posibilidad para su formación en las redes sociales, la investigación integró la investigación-acción en las escuelas y la observación del ciberactivismo. El objetivo es reconocer factores y circunstancias que promueven la formación crítica para apuntar orientaciones para la apropiación de TIC en procesos educativos en la perspectiva de la emancipación social. Como resultado, se señalan referencias para el fomento de factores y circunstancias como: pluralidad, actuar comunicativo, diálogo traductor, confianza, colaboración, autonomía, cooperación y perfil de aprendizaje permanente. En la análisis del proceso se identificaron contribuciones para la reflexión en el campo de la educación, particularmente en la importancia de una formación para la apropiación crítica y creativa de TIC como perspectiva emancipadora de formación de sujetos para la ciudadanía en la cultura digital.

Palabras clave: *Integración de tecnologías. Tecnologías de información y comunicación. Empoderamiento. Cultura digital. Formación para la ciudadanía.*

INTRODUÇÃO

No discurso sobre as mudanças sociais contemporâneas, destaca-se a presença inevitável das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Elas são tratadas não apenas como consequência, mas também como causa, especialmente pela penetrabilidade que têm em praticamente todos os domínios da atividade humana (CASTELLS, 2003). Isto é, estão imbricadas na vida cotidiana como produto e também como produtoras de novas formas de pensar, sentir e agir. Integram, assim, para o bem e para o mal, as práticas sociais contemporâneas atravessando a economia, a política, a educação e a cultura, sejam estas práticas sociais mediadas ou não por TICs.

Porém, não se trata de uma revolução técnica em que os homens reagem a um fator exógeno e adaptam-se. Trata-se, antes, de uma revolução cultural posto que há uma nova construção sociocultural da realidade (ESCOBAR, 2000). A transversalidade com que se produz a cultura digital implica a necessidade de reconhecê-la como um espaço da atualidade que configura o contexto atual, onde as formas de convivência articulam os tradicionais ambientes de interação social e o meio da comunicação digital (PRETTO; ASSIS, 2008).

Para além de configurarem outro contexto de vida onde há a onipresença da influência das TICs, destaca-se também uma aceleração do ritmo das transformações por que vem passando o mundo. A instantaneidade da comunicação, a conexão das pessoas por redes digitais, o acesso abundante à informação e a conhecimentos socialmente produzidos, esses são alguns dos aceleradores das relações dos indivíduos, com coisas e com pessoas, sem precedentes na história. Resulta em dificuldade crescente de compreensão das mudanças por parte dos indivíduos, uma tal sensação de inadequação, de descolamento com a realidade, que parece descabida qualquer noção prévia de pertencimento ao mundo.

O contexto atual, portanto, não apresenta apenas processos de transitoriedade e de desafios, mas impõe uma fragmentação dos eixos que orientam

e conferem sentido às relações sociais. Discute-se uma crise de paradigmas na qual destaca-se o movimento de descentramento do sujeito humanista (HALL, 2006; SILVA, 2010) enquanto elemento fundamental das práticas sociais. Daí que desponta um tensionamento entre a exigência de flexibilidade posta aos sujeitos e a necessidade de “ser alguém”, isto é, de possuir “um eu provido de certas especificidades e permanência no tempo” (CANCLINI, 2015, p. 203).

Por essa razão, a possibilidade de escape estaria no fortalecimento dos sujeitos enquanto cidadãos conscientes e autônomos, pertencentes e ativos na cultura digital. Contudo, esse quadro de mudanças promove desafios na própria existência de sujeitos. Primeiro porque estamos diante de uma cultura que é também digital, um novo ethos¹ que, como um espaço disposto para a ação humana, traz nova forma organizativa das situações cotidianas. Um lugar da habitação que “designa tanto morada quanto condições, normas, os atos práticos que o homem repetidamente executa e por isso com eles se acostuma, ao se abrigar num espaço determinado” (SODRÉ, 2002, p. 45).

Segundo porque a indústria cultural, como fenômeno que se expande globalmente se valendo de condições que lhe são favoráveis, engendra um sistema que tanto individualiza quanto massifica (pela padronização de gostos e desejos), em uma sociedade entretida que adere, voluntariamente, aos mesmos processos que provocam a sua alienação em uma sociedade burocrática de consumo dirigido (LEFEBVRE, 1991).

Terceiro que há perversões embutidas no seu uso que até o momento nossa sociedade não conseguiu lidar (MARTÍN-BARBERO, 2006), como a conformação de megacorporações globais, cuja concentração econômica potencializa não apenas o controle da opinião pública (como AOL, Time Warner, Sony e Disney), mas o rastreamento

¹ Ethos designa a maneira de agir de um grupo, suas ações rotineiras, inventivas, pautadas em um devir, mas permanentemente em relação estreita com a sua singularidade própria, ou seja, a cultura.

das pessoas e a destruição da privacidade em escala industrial (como Google e Facebook) (ASSANGE, 2014).

Uma leitura como a de Martín-Barbero, que não subestima a complexidade da questão da integração de tecnologias e considera tanto perversões como oportunidades, percebe que enquanto as redes digitais ressignificam antigas formas de controle e dominação, elas também surgem como a promessa de um espaço não hierárquico de relações iguais e horizontais que permitem a emergência de novo espaço público de cidadania.

As interações que acontecem na internet, na base comunicativa todos-todos, desestabilizam a capacidade que alguns grupos da sociedade possuem de influenciar, dominar e comandar a vontade e as escolhas de outros grupos, de modo que o novo contexto da cultura digital questiona e desloca as relações de poder constituídas (CASTELLS, 2013). As redes digitais de comunicação também viabilizam um modelo de comunicação mais participativo de cultura, em que o indivíduo já não é mais visto como mero consumidor de mensagem, mas como aquele que a molda e reconfigura enquanto consome.

Por isso Castells propõe que o limite da primazia dos aparatos técnicos é justamente o sujeito, que faz do uso das TICs algo imponderável. Assim, entende-se que se a internet propicia a existência de nova esfera pública, tal como defende Benkler (2006), essa perspectiva só se confirmará caso as pessoas se apropriem dela desta maneira, em meio ao mapa de tensões que desenham as perversões e as oportunidades identificadas por Martín-Barbero (2006).

A aposta é a de que os atuais usos das redes digitais podem promover o empoderamento dos indivíduos. Fortunati (2014) caracteriza o empoderamento pela oportunidade na qual os destituídos de poder se fortalecem e ganham domínio sobre seus assuntos pessoais, isto é, ao adquirir capacidade para acessar informações e recursos, ganham a habilidade de articular suas próprias histórias, influenciam os problemas políticos que lhes dizem

respeito, ampliam a confiança e a autonomia para fazer escolhas livres e significativas, traduzindo-as em ações e resultados que afetam sua vida e a da comunidade em que vivem.

A ênfase no homem e na sua capacidade para a ação política no mundo contemporâneo significa a oportunidade de construir uma alternativa para situações de dominação, que foi denominado aqui formação de sujeitos para a cidadania e a emancipação social.

O SUJEITO NA CULTURA DIGITAL

A dominação na cultura digital se dá por meio do controle do sujeito autônomo e de qualquer condição de seu nascimento, porque ele pode apenas emergir nas circunstâncias (sistematizadas e regradas) como receptor e consumidor. Contudo, a esperança fugidia de uma possibilidade de existência de sujeitos está na consciência crítica das condições postas pelo contexto de dominação, mas também da busca de alternativas a ele, posto que o mundo apresenta determinações mas não está completamente determinado.

Essa possibilidade de desvio existe pela permanência de alguns irredutíveis, como as instâncias do subjetivo e do inconsciente, do desejo e do imaginário. Touraine (1994, 1997) destaca que a constituição do sujeito em ator social é um princípio democrático, que significa ter vontade de atuar no mundo mais do que permitir ser determinado por ele, onde sua liberdade será construída na alteridade, na sua relação com o outro, que deve unir seus dois universos: o universal e o particular (GADEA; SCHERER-WARREN, 2005). Todavia, mais do que atuar no mundo, a questão está na ação política como condição humana e na potencialidade de autoria do sujeito na produção do mundo que almeja.

De modo que o conceito de sujeito assumido aqui é o do indivíduo capaz de subjetivar sua vivência, instituir sentidos, elaborar conceitos, ideias, juízos e teorias. O indivíduo, o singular, só vai encontrar fundamento para a sua força de criação e luta por

libertação na sua ação política e social. O sujeito é, portanto, aquele que tem a possibilidade de se transformar em autor, o sujeito da práxis, em uma conduta modificadora da individualidade dentro da comunidade, como uma identificação entre ser e fazer, vínculo profundo entre o homem e sua obra. É aquele que é consciente das condições postas pelo mundo em que vive e é capaz de agir no mundo para transformá-lo. O sujeito produz, cria deliberadamente, construindo um contraponto ao discurso hegemônico, o que Mendes Junior (2010) chama de *sujeito-autor*.

A mera possibilidade de existência do sujeito no contexto da cultura digital passa, necessariamente, por reconhecer a não neutralidade das tecnologias e a ameaça, sempre presente, de outra forma de colonização social levada a cabo por uma reconfiguração da indústria cultural (FEENBERG, 2003). Por outro lado, as TICs ampliam o “horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 29) e, assim, amplificam os espaços de possibilidade de existência e fortalecimento de sujeitos autores e arquiatores.

Porque nem o problema, e tampouco a solução, estão na tecnologia em si. Um verdadeiro autor, em vez de simplesmente submeter-se às determinações da tecnologia, subverte continuamente a sua função, manejando-a no sentido contrário ao de sua produtividade programada (MACHADO, 2010). Evidentemente, esse uso autoral e subversivo estaria condicionado não às tecnologias, mas às formas de integração e apropriação dos sujeitos.

APROPRIAÇÃO CRÍTICA DE TICS

Ainda permanece um tratamento dual para a questão da integração de TICs: de um lado entusiastas celebram o poder da tecnologia de renovar a vida política, cultural e cívica, de liberar populações oprimidas e incluir marginalizados (RHEINGOLD, 1993; BENKLER, 2006; SHIRKY, 2011), e de outros pensadores mais céticos denunciam a trivialização da política e da cultura, a desumanização das relações e o esfacelamento do

tecido social (KEEN, 2007; TURKLE, 2011). Para evitar a condenação dos tecnófobos e a celebração dos tecnófilos, a cultura digital precisa ser vista em sua ambivalência na via cibercriticista - que seria a de uma apropriação crítica que não desconsidera os perigos da não neutralidade mas a subjugua a outros princípios e valores, mais humanos e sociais (RÜDIGER, 2011).

As redes digitais como lugares de interação entre seus usuários expandiram a possibilidade de aparecimento dos indivíduos no espaço público e permitiram o incremento da pluralidade. Apesar da importante discussão sobre o acesso aos meios técnicos (dos equipamentos às redes de conexão) e da inclusão de todos nas relações de poder que definem o acesso à difusão (quem prioriza o que aparece, quem define o que se lê), este estudo aborda o empoderamento de sujeitos incluídos na cultura digital como estratégia imprescindível para que esses espaços plurais se configurem em espaços democráticos de aproximação e encontro com o outro e, no seu desdobramento, em possibilidades de exercício mais pleno de cidadania e emancipação social.

Contudo, como alerta Castells (2013), esse potencial depende de contexto e processo, pois é um potencial a ser descoberto por experiência e não proclamado de antemão. A esperança está em a internet ser estruturada culturalmente. Está certo que as tecnologias não são neutras e são carregadas de valores. Porém, como também alerta Feenberg (2006), elas são humanamente controladas e ainda há uma promessa não realizada no seu uso.

Como a moldura de um quadro, metáfora utilizada pelo autor, as tecnologias representam um limite predefinido, mas a apropriação humana das TICs é que dá os sentidos aos conteúdos oriundos dessa mediação (a obra, propriamente). Porém, o maior obstáculo ainda tem sido o nosso fracasso em inventar instituições capazes de garantir esta possibilidade (FEENBERG, 2002).

De modo que a apropriação crítica e criativa das TICs é condição primeira para a realização da oportunidade de escape das estruturas de controle

e dominação contemporâneas. No entanto, a segunda condição está na formação dos sujeitos para a realização desta qualidade de apropriação, isto é, na garantia de espaços institucionais para a sua realização - que aumenta a importância deste debate na área da educação.

EDUCAÇÃO E TICS

DESCOMPASSO DA ESCOLA À CULTURA DIGITAL

Refletir sobre os fenômenos educativos contemporâneos significa compreender desde as mudanças estruturais na sociedade dadas pelas transformações culturais, tecnológicas e sociais, bem como as políticas públicas adotadas como medidas para criar uma conexão da escola com este mundo transformado. Mas a ânsia por resultados rápidos pode demonstrar passos desconexos com a realidade, especialmente quando a sua não neutralidade é subestimada e reduz-se o foco ao argumento da urgência da escola em acompanhar a presença das tecnologias cada vez mais frequentes na vida dos jovens e crianças.

Resultado disso é um descompasso na educação, esta que vem sendo concebida a partir de um “modelo de comunicação escolar” ultrapassado espacial e temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era pré-digital (MARTÍN-BARBERO, 2014). Daí que se percebe também um desordenamento quando da introdução das tecnologias em determinados contextos, sendo usadas de modo instrumental (OROZCO GÓMEZ, 2007). Cada tecnologia demanda um tempo de aprendizagem e apropriação e os resultados não são imediatos, justamente porque não só o instrumental está ali imbricado.

O problema permanece: como pensar a integração de tecnologias na educação em um país como o Brasil, com grande dimensão geográfica e fortes desigualdades sociais? Como observaram Bonilla e Oliveira (2011), a exclusão, social e digital tem sido a tônica central das políticas públicas, que se caracterizam pela disponibilização de espaços públicos de acesso às tecnologias e a realização

de oficinas de introdução à informática. Mas promover uma iniciação dos sujeitos no uso das tecnologias só é válido quando as abordagens contribuirão também para a articulação ativa desses sujeitos nas novas dinâmicas sociais mediadas pelas TICs, pois assim podem afetar e transformar as suas demandas sociais, econômicas, culturais e políticas.

Daí a emergência da inclusão digital, mas também de um letramento digital (FANTIN, 2009), por meio de uma pedagogia crítica de leitura das mídias como uma necessidade emergente nas escolas atuais (KELLNER, 2009), que possibilite o desenvolvimento das competências midiáticas que implicam a capacidade do sujeito relacionar-se criticamente com os meios considerando os conceitos básicos da mídia-educação (RIVOLTELLA, 2005; TUFTE; CHRISTENSEN, 2009).

Assim, entende-se que as tecnologias têm grande relevância para a escola. No entanto, evita-se insistir na narrativa que descreve as possibilidades de um novo tipo de assentamento educacional com aprendizagem automatizada, organizada individualmente, viabilizada e catalisada em dimensão de massa pelas TICs. Antes, a ênfase poderia estar no seu papel desestabilizador ante as estruturas hegemônicas, já que as tecnologias promovem um potencial transformador político, cultural e social, mas que só poderá ocorrer a partir de uma perspectiva de formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INTEGRAÇÃO DE TICS E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No Brasil, ao longo dos últimos anos, a resposta das políticas públicas educacionais inclui a inserção de novas tecnologias nas escolas. Elas têm sido implementadas por ações de todos os níveis de governo e também por empresas, institutos e universidades. Até pouco tempo, estas políticas eram materializadas com a implementação de infraestrutura tecnológica, seja com kits de televisor, videocassete, antena parabólica, receptor

de satélite e fitas de vídeo VHS (TV Escola, 1996) ou laboratórios de informática (ProInfo, 1997). Em seguida, os governos passaram a adquirir e distribuir dispositivos móveis, como *laptops* (Projeto Um Computador por Aluno - UCA, 2005) e *tablets* (ProInfo Integrado, 2012).

A implementação dessas políticas se deu em grande parte pela ausência de diálogo e do afastamento da realidade escolar, desencadeando assim insuficiências nos projetos e programas, ao passo que foram sendo desnudados problemas de infraestrutura nas escolas, limitações de *hardware* e *software* nos equipamentos, bem como na velocidade da internet (COELHO, L., 2014). É evidente que houve avanços, porém, os desafios persistiram na medida em que se apontava para a necessidade de mudanças na concepção de formação continuada adotada pelo programa (CERNY, ALMEIDA E RAMOS, 2014).

Além dos limites quanto à infraestrutura e modelos de formação, a falta de articulação entre projetos e programas, a fragilidade na formação de professores e a transformação do computador numa máquina pedagógica, em vez de uma máquina de comunicação e de produção de sentidos, formam alguns dos fatores responsáveis por dificultar a articulação entre as práticas sociais e as práticas escolares (PRETTO; BONILLA, 2015).

Assim, no específico das políticas públicas do Ministério da Educação (MEC), o que se observa é que a maioria delas têm sua ênfase na dimensão tecnológica, principalmente na instrumentalidade do professor, seja no domínio técnico das ferramentas, seja na integração dentro da mesma didática de ensino de conteúdos previamente definidos em guias, parâmetros ou livros didáticos, ou naquilo que Masschelein e Simons (2013) denunciam como sendo uma condição estafante do professor preso em um mundo de palpites subjetivos, percepções fora da realidade e desentendimento persistente daquilo que define o currículo das escolas.

Essas razões possivelmente contribuíram para que o campo da educação sempre tenha estado refratário à discussão do uso das mídias, e parece que a resistência se agravou no contexto da educação a distância. Talvez devido à EaD ter nascido primeiramente em outras áreas, como engenharia e comunicação, o foco esteve nas tecnologias e sua gestão, que resultaram uma aproximação com viés bastante tecnicista e instrumental, levado a cabo em uma escala de massa (CERNY; LAPA, 2012). Essa modalidade de ensino teve suas ações amplificadas com as políticas públicas de expansão do ensino superior a partir de 2004, especialmente pelo Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que consolidou a entrada das universidades públicas na oferta e sua consequente inovação para a integração de TICs nas instituições públicas de ensino superior. Contudo, a grosso modo, o potencial latente no necessário repensar das práticas por professores e gestores ainda não foi plenamente usufruído, sendo que os avanços feitos não conseguiram, ainda, quebrar o engessamento dos currículos inspirados na presencialidade e na mera adaptação performática, e rasa, de conteúdos e metodologias tradicionais.

Talvez por essa razão, Quartiero et al (2012) compreendam que a inserção de tecnologia nas escolas não é suficiente para desencadear processos inovadores, sendo necessário criar condições efetivas para sua implantação. Uma possibilidade de superar a instrumentalidade das abordagens pode ser a perspectiva da mídia-educação, sobretudo no que diz respeito a uma política de formação que possibilite os usos das tecnologias entre estudantes e professores dentro e fora do contexto escolar.

ESPAÇOS DE POSSIBILIDADE PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DE SUJEITOS

O que se reafirma é que a integração de TICs tanto pode referendar as lógicas de controle e dominação e reproduzir as desigualdades sociais, assim como pode ser a base constitutiva de novos espaços de possibilidade de transformação social e emancipação. Nesse contexto, a educação mediada

por TICs (presencial, semipresencial ou a distância) torna-se uma oportunidade, que existe desde que esta integração aconteça pela perspectiva da mídia educação, isto é, para uma apropriação crítica e criativa de TICs.

A formação de professores como sujeitos e cidadãos da cultura digital significa abandonar as capacitações que visam a instrumentalizar o professor com novos recursos para a mesma e velha pedagogia, que só acrescenta na performance e não em seus conteúdos. Trata-se, como defendido anteriormente, de um novo contexto, o da cultura digital. Esse lugar que implica e convida professores e educadores a incorporar em suas práticas didáticas, assim como já o fazem em sua vida privada, a base tecnológica de comunicação em redes digitais como novas maneiras de se relacionar, de ensinar e de aprender.

Esse deslocamento de lugar é uma brecha de oportunidade, que tem latência importante na existência de professores que são sujeitos formados e, portanto, capazes de multiplicar os espaços de possibilidade em seus contextos de prática para a formação de seus alunos também como sujeitos. Mas que dependem de apoio institucional, estruturado em políticas públicas que permitam e fomentem estas ações a ponto de as possibilidades tornarem-se probabilidades. Elas têm mais chance de acontecer quando as políticas públicas promovem a descentralização que permite o fugidío, o dever para além da padronização e dos engessamentos em escala nacional. Criam oportunidades de autoria, de autogestão, de participação e colaboração, isto é, possibilidade de inovação na educação.

Para contribuir nessa direção, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina realizou por três anos uma pesquisa em busca de elementos relevantes para a formação crítica de sujeitos na cultura digital. Investigaram espaços interativos das redes sociais em busca de fatores e circunstâncias que pudessem orientar professores e educadores na criação de espaços de possibilidade para a formação de sujeitos.

METODOLOGIA

A pesquisa ora apresentada foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Comunic², da Universidade Federal de Santa Catarina, no âmbito do projeto Rede de Políticas Públicas e Educação (RPPE), coordenado pela professora Tamara Egler (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – com apoio Obeduc/Capes (2013-2016), e no âmbito do projeto Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento, com apoio Universal - Humanas/CNPq (2014-2016).

A premissa norteadora da pesquisa realizada foi a compreensão da educação como um espaço de possibilidade para a formação crítica de sujeitos capazes de agir sobre a estrutura social. Assim, o estudo desenvolvido se debruçou sobre um fator recente de influência sobre o desenvolvimento da vida em sociedade, os espaços sociais virtuais. Entendeu-se que, em face dos desafios contemporâneos para a educação para a cidadania, torna-se relevante uma pesquisa que identifique novas possibilidades para uma formação crítica de sujeitos, e que o campo da educação precisa ampliar seu conhecimento a respeito do complexo universo da cultura digital para que possa se valer dele.

Com os espaços sociais virtuais como objeto de estudo, as investigações empreendidas foram organizadas em três dimensões: a prática, com projetos de intervenção no ensino formal; a teórica-metodológica, com investigação sobre aportes teóricos e metodologias de análise de espaços não formais de ensino; e de desenvolvimento, com propostas de criação e articulação de ambientes educativos inovadores.

No âmbito da dimensão teórico-metodológica, foi realizada uma imersão no debate dos campos que tratam de questões epistemológicas relativas ao tema, com atualização (para as questões contemporâneas da

² Fundado em 1999 pela professora Maria Luiza Belloni, atua na interface das áreas da educação e da comunicação, com pesquisas sobre a integração de TICs à educação, especialmente na formação de professores.

cultura digital) de conceitos como formação crítica, sujeito, educação com tecnologias, esfera pública, democracia participativa, ação política, redes sociais, ciberespaço, cibercultura, movimentos sociais, *netativismo*. Ainda nesta dimensão, foram realizadas pesquisas de metodologias adequadas à análise qualitativa de grande volume de dados vindos da internet e um estudo sobre a ação política desenvolvida por um movimento social articulado na internet.

A dimensão prática teve como tônicas a formação do professor pesquisador e a pesquisa-ação em instituições de ensino do nível básico ao superior, abrangendo, inclusive, a formação de jovens e adultos que buscaram refletir sobre a apropriação crítica e criativa de tecnologias em processos educativos³. Por fim, a dimensão de desenvolvimento visou a incorporar a perspectiva da tecnologia como condição e também como ambiente que pode ou não promover determinada apropriação.

A integração das três dimensões resultou em uma dialética de reflexão e análise de todas as observações executadas. Os elementos essenciais para a formação crítica de sujeitos, encontrados na revisão de literatura, tornaram-se as categorias analíticas tanto para as pesquisas empreendidas nas escolas e universidade quanto para a investigação sobre a ação política desenvolvida por um movimento social na internet⁴. Em outros trabalhos, estes estudos são apresentados em profundidade⁵, neste artigo são trazidos à luz alguns resultados encontrados nas dimensões prática e teórica-metodológica.

³ Foram envolvidos cinco professores de educação básica, um de ensino médio, um de educação de jovens e adultos e uma de graduação.

⁴ O estudo realizado se deu sobre mais de 38 mil mensagens trocadas na rede social Twitter durante os protestos nacionais contra o aumento das tarifas de ônibus urbano durante os meses de janeiro e fevereiro de 2015.

⁵ As redes sociais como espaço público educador (LAPA, A.; LACERDA, A., 2017); Educação científica e tecnológica em cursos de engenharia com apoio dos espaços sociais da web 2.0 (SCHWERTL, 2016); Internet e Educação: aproximações inspiradas nos movimentos sociais articulados em rede para formação de sujeitos (COELHO, 2015); Autoria e cooperação na formação de sujeitos nas redes sociais (CUNHA, 2016); SoNDA: Um software para apoio à análise qualitativa de postagens de redes sociais (SMANIOTTO Jr, 2016).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise aqui apresentada não tem a pretensão de vir a servir como um modelo de docência e/ou ação coletiva. A intenção primeira foi a de vir a conhecer os novos fenômenos da ação cidadã nas redes sociais, porque, tal como propõe Shulman (1999), a pesquisa que fornece elementos à prática profissional contribui com padrões de prática, mais do que com regras e procedimentos. Porém, a maneira escolhida para essa busca de conhecimento foi a partir da vivência concreta e pessoal, para destacar algumas chaves que apontem possibilidades para a formação cidadã e o uso crítico e criativo das mídias.

Do ponto de vista metodológico, o processo ganhou contornos de uma pesquisa participante, abordagem em que os problemas escolhidos surgem de situações concretas e é onde também a pesquisa se desenrola, o que é uma prática distinta do formato de situações de laboratório (LE BOTERF, 1984). A partir da imersão participante em situações concretas, seja na elaboração de projetos de intervenção e de pesquisa sobre a própria prática, seja no acompanhamento do desenrolar do ciberativismo em momentos de disputa política no Brasil, o objetivo era o de uma imersão em situações concretas e hodiernas, ainda sem uma nomeação pelo campo de debate científico, mas que necessitavam de estudo e compreensão.

As investigações empreendidas no âmbito da pesquisa resultaram na identificação de desafios e potencialidades para a ocorrência dos fatores e circunstâncias elencados por meio da revisão de literatura e, na sua esteira, possíveis orientações a professores que desejam utilizar as TICs em seus processos de ensino com vistas a uma educação emancipadora. Esses fatores e circunstâncias, cabe lembrar, foram elaborados a partir de sua condição de elementos relevantes para que a internet possa figurar como um espaço de formação cidadã.

A intenção deste trabalho em fornecer elementos para o uso crítico e criativo de TICs se dá pelo entendimento contido nesta pesquisa de que a

rede pode configurar um ambiente propício para: a) o conhecimento de visões não hegemônicas e de pontos de vista diversos sobre a mesma questão; b) a alternância de autoridades/vozes influentes em um debate; c) o confronto de dados e opiniões diferentes.

A seguir, apresentam-se as questões que estimulam/desestimulam a ocorrência dos elementos relevantes analisados e orientações cabíveis a respeito de cada um deles para apropriação docente.

PLURALIDADE: ACOLHIMENTO DA SINGULARIDADE DOS SUJEITOS (ARENDR, 2013)

Potencialidades: a pesquisa identificou que as conversações são estimuladas quando as autoridades respondem aos usuários que apresentam perspectivas diferentes e até mesmo antagônicas e que os debates travados na internet propiciam a alternância de autoridades e a pluralidade de vozes.

Desafios: a grande questão que se revela está na promoção do reconhecimento e acolhimento da diversidade pelos usuários, que tendem a se unir àqueles que partilham de suas opiniões e rechaçar os que se alinham a ideias diferentes.

Possíveis orientações: ao fazer uso de espaços sociais virtuais, os professores podem estimular a busca não apenas por pontos de vista não hegemônicos, mas também diversos, uma vez que várias perspectivas disputam espaço nas redes sociais. Quando figurar como autoridade em um espaço social virtual, o professor deve se mostrar aberto ao diálogo e acolher as diferentes ideias apresentadas pelos participantes. É importante, também, que não haja centralidade na figura do professor como única autoridade/liderança presente.

AGIR COMUNICATIVO: NÃO HÁ UM OBJETIVO A SER ALCANÇADO, SENÃO O DE UM ACORDO ENTRE OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA AÇÃO (HABERMAS, 1990).

Potencialidades: a pesquisa concluiu que posts que promovem este elemento são os que apresentam argumentos sobre o tema; a predisposição ao entendimento, compreensão e acolhimento do ponto de vista do outro, mesmo que diferente; e a participação de autoridades como mediadores informados.

Desafios: a tendência verificada de marcação de posição pelos usuários é um dos entraves que se apresentam à existência do agir comunicativo nas redes. Esta tendência, conforme verificado, leva à difusão da intolerância e do fascismo (falta de respeito, agressividade, preconceito, violência verbal).

Possíveis orientações: para estimular a existência do agir comunicativo nos espaços sociais virtuais utilizados com os alunos, o professor pode atuar no sentido de promover a disposição para conhecer e entender o ponto de vista do outro, mais do que incentivar a expressão de ideias próprias, e relacioná-lo com as suas próprias, avançando na construção de compreensões coletivas sobre o tema.

DIÁLOGO TRADUTOR: TRÂNSITO DA CONSCIÊNCIA INGÊNUA PARA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011)

Potencialidades: propiciam a existência deste elemento temas polêmicos e controversos; a postura do professor que traz pessoas com legitimidade/autoridade para participar das discussões; posts problematizadores; e o predomínio da honestidade/transparência no ambiente.

Desafios: estimular os alunos a refletir sobre questões além do conteúdo pragmático (mais reflexivo); romper com a cultura da simples entrega de informações para instituir uma prática de construção conjunta do conhecimento.

Possíveis orientações: abordagem de temas controversos e polêmicos, definidos coletivamente; criação de momentos para que os estudantes compartilhem suas visões de mundo genuínas, e posteriormente, busquem informações sobre estas visões, tendo em vista que repensem suas ideias iniciais; problematização das compreensões/certezas trazidas pelos alunos, com o objetivo de aguçar as contradições.

COLABORAÇÃO/CONFIANÇA: LIDERANÇA COMPARTILHADA, CONFIANÇA MÚTUA E CORRESPONSABILIDADE PELA CONDUÇÃO DAS AÇÕES (DAMIANI, 2008).

Potencialidades: exposição das próprias limitações (aparecer na rede com suas dúvidas representa confiança na intencionalidade do espaço).

Desafios: promover a participação voluntária e efetiva dos estudantes, sem vinculação da presença do aluno no espaço à avaliação; dificuldades dos alunos de se expor em público; não compreensão dos estudantes da relevância da troca de comunicação realizada naquele ambiente.

Possíveis orientações: construir laços de confiança de si (como espaço adequado à exposição pessoal), e das suas ideias (convicção do seu ponto de vista); consciência da importância de ouvir/conhecer a visão dos outros (mesmo sem entrar no debate); incluir os estudantes na construção do espaço e no plano de ação para a aprendizagem baseada na problematização de temas; considerar no planejamento as diferentes oportunidades de espaços e tempos da formação (mesclar momentos on-line e off-line).

AUTORIA E COOPERAÇÃO: AÇÃO DO PÚBLICO VOLTADA A SUPERAR O MERO PAPEL DE CONSUMIDOR DE MENSAGENS (JENKINS; GREEN; FORD, 2014);

Potencialidades: trabalhos em equipe; motivação e participação do professor (mediação/intervenção); convocação por parte dos próprios alunos quando indicam conteúdos postados aos colegas.

Desafios: excesso de atividades dos alunos; pouco tempo para interação; efeito dispersivo das redes sociais virtuais; acesso e velocidade da internet; falta de tempo para planejamento do professor.

Possíveis orientações: promover a interação com alunos de outras instituições/turmas para a ampliação da rede de colaboração; criar uma dinâmica de sucessivas fases de produção e reflexão para amadurecimento junto dos estudantes sobre as tendências do meio e como evitar a reprodução de linguagens e conteúdos; planejar atividades coletivas para propiciar um ethos colaborativo.

POSTURA DE APRENDIZ PERMANENTE:

PROCESSO CONTÍNUO DE BUSCA E FORMAÇÃO

Potencialidades: projetos de parceria universidade-escola; pesquisa em educação não na escola, mas com a escola; adaptação a constantes inovações tecnológicas que movem as pessoas para aprender novas coisas.

Desafios: vislumbrar o potencial das TICs para repensar a prática docente; superar a barreira da cultura da resistência às TICs no chão da escola; permitir-se a experimentação e a sujeição a eventuais erros neste processo; vencer a postura pessimista em relação ao apoio institucional e entre pares para assumir uma postura mais proativa.

Possíveis orientações: entender-se em um processo contínuo de aprendizagem, em movimento ininterrupto; permitir-se estar inacabado, nunca pronto, em devir; reconhecer outros espaços de formação não formais, que estão disponíveis e presentes na internet, na interação e troca de experiências entre pares; assumir a perspectiva da mídia educação, que contempla a leitura crítica das mídias, a experimentação de integração de TICs como ferramenta pedagógica e que considera a cultura digital como contexto contemporâneo inevitável para uma educação com ou sem TICs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou refletir sobre a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação na emancipação e na educação para a cidadania na cultura digital. A princípio apresentou como marco teórico a perspectiva da teoria crítica de não neutralidade das TICs, atualizando os desafios postos pela ressignificação da indústria cultural nas perversões da atualidade. Mas também apresentou oportunidades, especialmente na possibilidade de existência de sujeitos capazes de desejar e operar a subversão da lógica programada das TICs. A possibilidade de apropriação crítica e criativa das TICs tem, porém, um desafio: o de garantir instituições que acolham e promovam a formação de sujeitos. Daí o foco do estudo nas possibilidades para formação crítica no contexto da educação mediada por TICs.

Apesar da reconhecida importância da educação, há grande descompasso entre o mundo da cultura digital e as escolas. Se o acesso é ainda uma questão não resolvida, ele é condição necessária, mas não suficiente. Isto é, é essencial uma formação para um uso crítico e criativo das TICs, que permita inclusão como cidadão e não apenas consumidor na cultura digital. Porém, rápido levantamento histórico das políticas públicas para a integração de TICs nas escolas mostra o viés tecnicista das propostas, a princípio como dotação de infraestrutura e depois em capacitações instrumentais de professores, independentemente da modalidade. O resultado é pouco efetivo, mas, pior, é capaz de contribuir para tornar a sociedade ainda mais suscetível a intensificar suas tendências contraditórias já presentes.

Este foi o problema de pesquisa tratado em um projeto de investigação que aproximou professores e pesquisadores da universidade e da escola, quando se realizou uma investigação para identificar fatores e circunstâncias promotores da formação crítica de sujeitos nas redes sociais. O principal objetivo da pesquisa foi trazer referências para uma boa apropriação de TICs em ambientes formativos que contribuíssem para uma educação para a cidadania e para a emancipação social.

Este artigo apresenta alguns resultados oriundos de duas dimensões principais de investigação: a) a partir de práticas pedagógicas de integração de TICs no ensino formal e não formal; b) a partir de práticas de coletivos ativistas nas redes sociais, entendidos como espaços públicos educadores.

Algumas referências podem ser apontadas para professores e educadores que queiram fazer uma integração de TICs na perspectiva crítica de formação de sujeitos, das quais se destacam: criar oportunidades de diálogo em trabalhos coletivos, que conduzam ao apoio, compartilhamento e cooperação entre colegas; estabelecer um espaço não hierárquico onde não há a costumeira centralidade do professor; promover uma ambiência acolhedora da diferença e da pluralidade, com o diálogo respeitoso como a base para a negociação das diferenças; integrar conhecimentos prévios incluindo o contexto dos participantes na elaboração da pauta e dos conteúdos abordados; partir de um planejamento flexível e aberto para a construção coletiva dos processos e conteúdos da aprendizagem com o grupo; estar disposto a estabelecer laços de confiança e estar disponível para o envolvimento com as demandas do coletivo; permitir-se experimentar e errar, em processo ininterrupto de aprendizagem.

Decerto que tais resultados são preliminares e não podem ser tomados como modelos a serem implementados em qualquer contexto. Como já apontado na introdução deste artigo, a complexidade da questão e a sua volatilidade trazem vantagens e desafios, entre eles a sua dependência de contexto e processo. Isto é, os elementos e dicas apontados como resultados desta pesquisa servem àqueles interessados em iniciar um processo ininterrupto de aprendizagem pela experiência de integração de TICs em práticas educativas emancipadoras.

AGRADECIMENTOS

O projeto de pesquisa foi desenvolvido com a participação de grande coletivo: Marina Espíndola, Vinicius Ramos, Nilza Gomes, Simone Schwertl, André Leonel, Ingrid Souto, Débora Nazário, Leonardo Calbusch, Graziela Stein, Vânia Koerich, Giliane Rebello, César Smaniotto Junior, Fran Cardoso, Samuel Heidermann, Pedro Rebeschini, Antonio Wundervald e Jean Pantoja, Ana Carla Mess, Jaisson Ramos, Jane Argenta, Maria do Carmo Lehmkuhl, Sabrina Kons, Arisnaldo Cunha, Robson Fernandes e Marília Bergamo. Contou com o apoio do CNPq pelo edital Universal-Humanas (2014-2016) e teve financiamento da CAPES, pelo estágio pós-doutoral de Andrea Lapa e também através do edital Obeduc (2013-2016) pelo projeto “Rede de Políticas Públicas e Educação”, coordenado por Tamara Egler (UFRJ). Agradecemos a parceria com o Labic/UFES, o LabEspaço (IPPUR/UFRJ) e o LMI (Universitat de Barcelona, Espanha). Também às escolas que acolheram a pesquisa: EEB Coronel Antônio Lehmkuhl (Águas Mornas); Creche Ingleses, EEB Governador Pedro Ivo Figueiredo de Campos, NEI Luiz Paulo da Silva e Núcleo EJA SUL I (Florianópolis); EEB Bertino Silva (Leoberto Leal), IFC (Araquari).

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- ASSANGE, J. Os EUA são capazes de cortar o Brasil do resto do mundo em qualquer momento que queiram. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 ago. 2014.
- BENKLER, Y. The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom. *Harvard Journal of Law & Technology*. v. 20, n. 1. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.
- BONILLA, M.H.; OLIVEIRA, P.C. Inclusão digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, M.H.; PRETTO, N.L. (Orgs.). *Inclusão digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2012.v.2.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.
- CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CERNY, R.Z.; ALMEIDA, J.N. de; RAMOS, E. Formação continuada de professores para a cultura digital. *Revista e-Curriculum*, v. 02, n. 12, 2014.
- COELHO, I. *Internet e Educação: aproximações inspiradas nos movimentos sociais articulados em rede para a formação de sujeitos*. 2015. 188 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.
- COELHO, L.A. *Contextos de uma política pública: (des)caminhos dos governos para a inserção de tecnologias digitais nas escolas públicas*. 2014. 211 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- CUNHA, A. *Autoria e cooperação na formação de sujeitos nas redes sociais: o caso do Enem no Facebook*. 2016. 231 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.
- DAMIANI, M.F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando os seus benefícios. *Revista Educar*, n. 31, p. 213-230, 2008.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. *Ensino de ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ESCOBAR, A. Welcome to Cyberia. In: BELL, D.; KENNEDY, B. (Org.). *The cybercultures reader*. Londres: Routledge, 2000.
- FANTIN, M. A escola e a cultura digital: os usos dos meios e os consumos culturais de professores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2009.
- FEENBERG, A. *Transforming technology: a critical theory revisited*. New York: Oxford University Press, 2002.
- _____. *O que é Filosofia da Tecnologia?* Komaba, 2003. Tradução de Agustín Apaza.
- FORTUNATI, L. Media between power and empowerment: can we resolve this dilemma? *The Information Society*, v. 30, n. 3, p. 169-183, 2014.
- GADEA, C.A.; SCHERER-WARREN, I. A Contribuição de Alain Touraine para o debate sobre o sujeito e democracia latino-americanos. *Rev. Sociol. Polít.*, v. 25, p. 39-45, 2005.
- HABERMAS, J. Guinada pragmática. In: HABERMAS, J. *O pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 65-148.

- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- KEEN, A. *The cult of the amateur: how today's internet is killing our culture*. Nova York: Doubleday/ Currency, 2007.
- KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 104-131.
- LAPA, A.; LACERDA, A (Org.). *Formação de sujeitos em espaços sociais virtuais*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- LAPA, A.B.; CERNY, R. Z. Educação a distância na formação de professores (Apresentação Dossiê). *Perspectiva*, v. 30, n. 1, p. 13-16, 2012
- LE BOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. de. *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- _____. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MACHADO, A. *Arte e mídia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo horizonte: Autêntica, 2013.
- MENDES JUNIOR, W.L. *O sujeito-arquiautor: conflitos do discurso urbano e midiático*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- OROZCO GÓMEZ, G. Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. *Matrizes*, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38185/40921>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- PRETTO, N.L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N. L.; AMADEU, S. (Org.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- PRETTO, N.L.; BONILLA, M.H. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, v. 33, n. 2, p. 499 - 521, 2015.
- QUARTIERO, E.M. et al. Gestão e práticas pedagógicas no âmbito do Programa UCA: desafios e estratégias à consolidação de uma política pública para a Educação Básica. In:
- SAMPAIO, F.F.; ELIA, M. da F. *Projeto um computador por aluno: pesquisas e perspectivas*. Rio de Janeiro: NECE/UFRJ, 2012.
- RHEINGOLD, H. *The virtual community*. Reading (MA): Addison-Wesley, 1993.
- RIVOLTELLA, P.C. Formar a competência midiática: novas formas de consumo e perspectivas educativas. *Comunicar*, n. 25, 2005.
- RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SCHWERTL, S.L. *Educação científica e tecnológica em cursos de engenharia com apoio dos espaços sociais da web 2.0*. 2016. 362 p. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Científica e Tecnológica Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- SHIRKY, C. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SHULMAN, L. Professing educational scholarship. In: _____. *Issues in education research: Problems and possibilities*. San Francisco: JosseyBass Publishers, 1999. p. 159-165.
- SILVA, T.T. O Adeus as metanarrativas educacionais. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 247-258.
- SMANIOTTO JUNIOR, C. *SoNDA: Um software para apoio à análise qualitativa de postagens de redes sociais*. 2017. 87p. Monografia (TCC em Ciência da Computação) - Curso de Ciências da Computação, Departamento de Informática e Estatística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *¿Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- TUFTE, B.; CHRISTENSEN, O. Mídia-educação entre a teoria e a prática. *Perspectiva*, v. 27, n. 1, p. 97-118, 2009.
- TURKLE, S. *Alone together*. Nova York: Basic Books, 2011.